



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO-UNIFAMETRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

MARIA CONCEIÇÃO DE SOUSA

**IMPLICAÇÕES DE NORMAS FAMILIARES NO DESENVOLVIMENTO DA
ADOLESCÊNCIA**

**FORTALEZA
2020**

MARIA CONCEIÇÃO DE SOUSA

IMPLICAÇÕES DE NORMAS FAMILIARES NO DESENVOLVIMENTO DA
ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – como requisito para obtenção do grau de bacharel em Psicologia, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Zelfa Feitosa.

FORTALEZA

2020

MARIA CONCEIÇÃO DE SOUSA

IMPLICAÇÕES DE NORMAS FAMILIARES NO DESENVOLVIMENTO DA
ADOLESCÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado no dia 22 de junho de 2020, como requisito para a obtenção de bacharel em Psicologia, no Centro Universitário Fametro – UNIFAMETRO – tendo sido aprovado pela banca examinadora composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Maria Zelfa Feitosa – Doutora
Orientadora – Centro Universitário – UNIFAMETRO

Prof.^a Letícia Décimo Flesch – Doutora
Membro – Centro Universitário – UNIFAMETRO

Prof.^a Teresa Glauca Gabriele da Costa – Mestre
Membro – Centro Universitário – UNIFAMETRO

S725i

Sousa, Maria Conceição de.

Implicações de normas familiares no desenvolvimento da adolescência. / Maria Conceição de Sousa. – Fortaleza, 2020.

31 f. ; 30 cm.

Monografia – Curso de Psicologia do Centro Universitário Fametro, Fortaleza 2020.

Orientação: Profa. Dra. Maria Zelfa Feitosa.

1. Normas familiares. 2. Psicologia do desenvolvimento - Adolescente. 3. Psicologia - Adolescentes. I. Título.

À professora Maria Zelfa Feitosa, que, com sua dedicação, paciência e cuidado, orientou-me na produção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela ajuda e proteção, força e presença constante, e por ter cuidado comigo neste momento difícil da pandemia, que mexeu com minha vida tanto no contexto social, quanto mental, mesmo assim, consegui finalizar este trabalho com muita dedicação e esforço. Também agradeço à banca examinadora formada pelas professoras Letícia Décimo e Teresa Glauca.

Seja como você é. De maneira que possa
ver quem és. Quem és e como és.

(Frits Perls)

RESUMO

Este trabalho apresenta uma revisão bibliográfica integrativa das implicações das normas familiares para o desenvolvimento do adolescente, explorando como as normas familiares se estabelecem na adolescência e identificando as implicações no processo de desenvolvimento na adolescência. As normas familiares podem ter uma influência importante no bem-estar psicológico dos seus integrantes e, com isso, podem estar relacionadas com alguns sintomas, como hostilidade, depressão e ansiedade. Elas podem ainda ser construídas baseadas em princípios, valores e crenças, sendo explícitas ou implícitas, e, em muitos casos, estão mais do que em sua prescrição, mas também na aplicação para alcançar os resultados esperados por cada família. Os adolescentes podem ser os mais influenciados pelas normas familiares, devido ao fato de que se encontram numa fase da vida que se direciona à independência, tentando entender as relações interpessoais. A falta de normas, ou a falta da sua aplicação, pode levar a uma maior exposição de riscos dos adolescentes, por exemplo, no uso de drogas, violência, distúrbios alimentares, hábitos inadequados do sono, etc. No entanto, normas muito rígidas podem, também, contribuir com altos níveis de depressão, ansiedade, autoestima e problemas mentais. Logo, é importante que as elas se adaptem às características de cada indivíduo e às mudanças da sociedade.

Palavras-chave: Normas Familiares. Regras Familiares. Desenvolvimento da adolescência.

ABSTRACT

This work presents a bibliographic review on family norms, exploring how they are established in adolescence and in the adolescent's development process. Family norms can have an important influence on the psychological well-being of its members and, as a result, may be related to some symptoms, such as hostility, depression and anxiety. They can also be built based on principles, values and beliefs, whether explicit or implicit, and, in many cases, are more than just in their prescription, but also in the application to achieve the expected results. Adolescents may be the most influenced by family norms, due to the fact that they are in the phase of life that is moving towards independence, trying to understand interpersonal relationships. The lack of norms, or the lack of its application, can lead to a greater risk exposure of adolescents, for example, in the use of drugs, violence, eating disorders, inadequate sleep habits, etc. However, very strict rules can also contribute to high levels of depression, anxiety, self-esteem and mental problems. Therefore, it is important that they adapt to the characteristics of each individual and to changes in society.

Keywords: Family. Psychoanalysis. Adolescent development.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	NORMAS FAMILIARES.....	13
2.1	Construção e aplicação das normas	14
3	ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO	16
4	METODOLOGIA	19
4.1	Tipo de Estudo.....	19
4.2	Bases indexadoras.....	20
4.3	Critérios de inclusão e exclusão.....	20
4.4	Número de artigos da pesquisa	20
5	RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
5.1	Conceito de normas familiares na literatura	24
5.2	Normas familiares na adolescência.....	25
5.3	Como as normas familiares são significativas na adolescência	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
	REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

As famílias apresentam mudanças ao longo de seu desenvolvimento devido ao amadurecimento dos seus membros, afetando a construção e manutenção de regras que impactam diretamente no relacionamento paterno-filial (STENGEL, 2011). Em muitas famílias, há a percepção de que os filhos, na fase da infância, são obedientes e que sofrem transformações quando adolescentes, mostrando um comportamento baseado em um olhar mais crítico e, às vezes, insatisfeitos com as regras familiares, querendo impor sua autoridade. É importante salientar que este conflito geracional pode ser invertido no decorrer do tempo, pois, quando os pais envelhecem, podem se tornar dependentes dos filhos e terem que seguir as normas impostas por estes.

As regras familiares são construídas a partir de crenças e valores que têm forte influência da cultura e da sociedade na qual estão inseridas. Estas normas podem ser explícitas ou implícitas, buscando facilitar o relacionamento com os filhos. Barbosa e Wagner (2014) apontam que em famílias nucleares as normas são construídas somente pelos pais, sem a necessidade de que os filhos concordem com elas, embora, algumas vezes, possam se manifestar por meio da desobediência.

Neste sentido, as mudanças culturais e sociais dos últimos anos levaram à bidirecionalidade na construção das normas familiares, existindo uma maior participação dos filhos em sua formação. Assim, nas décadas recentes, há uma maior flexibilidade nas regras, podendo ser adaptadas a diferentes contextos, levando em conta, inclusive, o histórico de comportamento do adolescente (BARBOSA; WAGNER, 2014; BENCHAYA *et al.*, 2011).

Outro fator importante para a flexibilização das normas são as mudanças econômicas e sociais das últimas décadas, que ocorreram a partir da Revolução Industrial, através da qual se inclui maior equidade de gênero. Com estas transformações, o modelo patriarcal ganhou outros contornos, algumas necessidades fizeram com que pais e mães se inserirem no mercado de trabalho para poder suprir as necessidades financeiras da família. Por sua vez, os filhos acabam tendo mais liberdade de expressar seus desejos ou insatisfações, diante da falta de autonomia que, no geral, resulta da desobediência (STENGEL, 2011).

A adolescência é considerada uma etapa de desenvolvimento em que o sujeito irá consolidar sua personalidade e caráter, na medida em que descobre e assume independência individual. Assim, a obediência das regras, por parte do filho adolescente, tem um papel importante na consolidação da personalidade e no bem-estar do adolescente evitando sofrimento psíquico. Barbosa e Wagner (2014) e Papalia, Olds e Feldman (2006) afirmam que adolescentes cujos responsáveis monitoram de perto o cumprimento das regras são menos vulneráveis à violência ou ao uso de substâncias ilícitas. Os adolescentes usam estratégias para desobediência, principalmente as de negociação e/ou de recusa. Embora a negociação possa ser vista pelos pais como uma aversão do filho ao cumprimento das normas, ela é mais aceita, e a recusa pode gerar um relacionamento prejudicial com os pais.

A adolescência pode ser definida como o período de transição entre a infância e a vida adulta que envolve mudanças físicas, cognitivas e emocionais. Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) (2019), a adolescência pertence à faixa etária de 10 a 19 anos. Já para a Organização das Nações Unidas (ONU), está na faixa de 15 a 24 anos e, no Brasil, para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, a faixa etária está compreendida entre os 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1990, EISENSTEIN, 2005). Por fim, em Papalia, Olds e Feldman (2006) é definida como a faixa etária que varia dos 11 aos 19 anos de idade.

É importante salientar, entretanto, que a adolescência não pode ser definida apenas de forma cronológica. Segundo Palacios (2019), esta é considerada uma etapa de desenvolvimento em que o sujeito irá consolidar sua personalidade, caráter e orientação sexual, pois é quando o adolescente descobre e assume sua independência individual. Embora a adolescência seja um fenômeno construído socialmente e as mudanças não ocorram da mesma forma para todos, em alguns casos, esta fase pode levar à irritabilidade, entusiasmo inoportuno, timidez, insegurança e uma variedade de emoções flutuantes que, muitas vezes, tendem à tristeza.

Neste período, há uma busca por experiências novas para aumentar a intensidade das sensações, podendo-se dizer que os adolescentes têm um comportamento que acarreta uma maior exposição a riscos, aumentando, assim, a vulnerabilidade, comparada com os adultos, principalmente no que se refere à

exposição a substâncias psicoativas, álcool e sexo sem proteção. Os parentes dos adolescentes são um pilar fundamental, devido ao vínculo social e afetivo que influencia na prevenção da exposição a riscos.

Arnett (1999) aponta que a puberdade é o processo de mudanças físicas pelas quais o corpo de uma criança amadurece e se transforma em corpo adulto, capaz de reprodução sexual. Nesta etapa, ocorrem mudanças nos processos neuroendócrinos do cérebro, concentrações hormonais e características morfológicas físicas, culminando na maturidade reprodutiva.

Embora as mudanças biológicas sejam universais, o significado social delas, para os adolescentes, sociedade e comunidade científica, varia em função do tempo e cultura. Muitos dos adolescentes desfrutam de alguns aspectos do desenvolvimento da puberdade, principalmente, do aumento da altura. Nesta fase da adolescência, podem surgir problemas específicos com maior probabilidade, se comparado a outros períodos.

Antigamente, o indivíduo amadurecia sexualmente e passava a ser adulto, não havendo uma definição para adolescência, uma vez que a transição era diretamente da infância para a vida adulta. A adolescência, a partir do início do século XXI, tornou-se um conceito não mais atrelado somente ao mundo ocidental, estando presente na maioria das culturas do mundo e englobando muitas oportunidades de crescimento, não somente da parte física, mas também cognitiva, social, de autonomia e autoestima (LARSON; WILSON, 2004).

Desta forma, este trabalho se justifica pelo fato de que normas familiares podem ter uma influência importante no bem-estar psicológico do adolescente e, com isso, poderão estar relacionadas com alguns sintomas, como hostilidade depressão e ansiedade e, se forem efetivas, podem diminuir significativamente estes sintomas (FEINAUER; LARSON; HARPER, 2010).

Os adolescentes podem ser os mais influenciados pelas normas familiares pelo fato de estarem na direção da independência e tentando entender as relações interpessoais. Neste sentido, os valores e regras familiares contribuem para a construção da estabilidade necessária ao desenvolvimento saudável da família e de seus membros (LARSON, 2004).

O exposto até aqui revela que deve haver uma atenção cuidadosa no processo de desenvolvimento na adolescência, principalmente em situações de maior vulnerabilidade. Diante deste contexto, a pergunta de partida deste trabalho é:

Quais as implicações das normas familiares no processo de desenvolvimento na adolescência? Para tanto, o objetivo geral é discutir as implicações das normas familiares para o desenvolvimento de adolescentes. Já como objetivos específicos, temos: definir o conceito de normas familiares; explorar como as normas familiares se estabelecem na adolescência e identificar as implicações das normas familiares no processo de desenvolvimento na adolescência.

Esta monografia está organizada da seguinte forma: na primeira seção, são definidas as normas familiares e como elas são construídas e aplicadas. A segunda seção trata sobre a adolescência no contexto do desenvolvimento humano. Já a terceira, apresenta a metodologia da investigação. Por fim, são apresentados os resultados, discutindo-os.

2 NORMAS FAMILIARES

As normas são definidas como uma prescrição que possa ser seguida, indicando qual comportamento é obrigatório, preferido e/ou proibido em certos contextos (SHIMANOFF, 1980). As regras permitem aos membros da família prever o comportamento dos outros, sendo importantes para a sobrevivência e manutenção do relacionamento (SATIR, 1996).

Esta previsibilidade leva ao conforto e ajuda os membros da família a entender quais comportamentos são aceitáveis, além disso, as regras lidam com o conceito do que alguém deve e/ou não deve fazer, e identifica quais tipos de ações o definem como membro do grupo (SATIR, 1996). Assim, existem normas sobre como lidar com dinheiro, demonstrar afeto, dividir tarefas e como lidar com pessoas que têm dificuldades de seguir as normas expostas.

Devido à importância e constante evolução das normas familiares, durante os últimos anos, diversos autores publicaram pesquisas relacionadas a esta temática. Metzger *et al.* (2016) exploraram o efeito do monitoramento dos pais nos adolescentes, principalmente no que diz respeito a comportamentos de riscos relacionados ao álcool, mundo cibernético, super e subalimentação.

Barbosa e Wagner (2014) realizaram estudo para identificar como as regras são construídas e exercidas pela família. Os resultados apontaram que, enquanto algumas regras são prescritas pelos pais e mães, muitas são construídas juntamente com os filhos, sendo adaptáveis ao contexto. Além disso, foi revelado que os pais utilizam a cobrança, punição e controle para manutenção das regras. Já por parte dos filhos, existe o uso da resistência, criando espaço para o desenvolvimento da autonomia, buscando, concomitantemente, a manutenção do bom relacionamento parental. Por fim, a conversa foi relatada como a medida mais eficaz para manutenção das regras.

Gingold, Simon e Schoendorf (2014) realizaram um estudo sobre a presença de regras no uso da televisão, vídeo e vídeo games por crianças e adolescentes na idade escolar. Os resultados mostraram que 49% delas assistem ou assistiam mais de 2 horas por dia, e mais de 16%, 4 horas por dia. Conseqüentemente, o tempo destinado a atividades físicas e refeições em família era menor. O avanço da tecnologia pode dar mais acesso a conteúdos digitais, o

que torna necessário o uso de regras para que exista um equilíbrio entre todas as atividades.

Dittus *et al.* (2018) demonstra que pais de jovens adolescentes podem ter um papel ativo para proteger seus filhos da violência, através do monitoramento adequado de suas atividades e amigos, aplicando regras para um comportamento seguro. Isto, devido ao fato de que existe um efeito atenuador significativo das regras da família para o uso de álcool, maconha e outras drogas.

Papalia, Olds e Feldman (2006) afirmam que a maioria dos adolescentes tem boas relações com seus pais. No entanto, a adolescência é uma fase em que a maturidade está em desenvolvimento, por isso, traz muitos desafios. Os adolescentes buscam sua independência e liberdade, por outro lado, mesmo que os pais também busquem isto, sentem uma incerteza em deixá-los partir. Assim, existe um compromisso entre dar independência suficiente ao adolescente e protegê-los, devido sua fase imatura, logo, o ajuste deste compromisso pode levar a tensões familiares.

Um monitoramento efetivo está relacionado com a quantidade de informações que os adolescentes deixam seus pais acessarem sobre suas vidas que, por sua vez, pode depender da confiança estabelecida entre eles, situação conjugal, socioeconômica e a própria personalidade dos pais. De toda forma, comportamentos gentis entre pais e adolescentes são uma predisposição para relacionamentos afetuosos. Barbosa e Wagner (2014) apontam que as regras familiares contribuem com a estabilidade da família, assim, é importante entender como as normas são construídas e como elas são aplicadas.

2.1 Construção e aplicação das normas

Segundo Barbosa e Wagner (2014), as normas familiares são construídas de acordo com os valores e crenças dos seus membros, que variam conforme o contexto da história de cada indivíduo. Com base nestes valores, cada família constrói suas regras, que podem ser implícitas ou explícitas, com o intuito de manter uma estabilidade familiar em suas relações. Em séculos passados, as regras eram construídas, exclusivamente, pelos pais, porém, nos últimos anos, tem havido uma flexibilização, de forma que os filhos também estão participando nesta construção.

Desta forma, podem ser construídas normas para diferentes situações, podendo se adaptar ao histórico de comportamento do indivíduo. Outro fator que afeta esta flexibilização de normas são as mudanças sociais e econômicas sofridas nas últimas décadas, já que houve transformações nos papéis parentais, pois as mulheres ganharam um espaço no mercado de trabalho, em muitos casos, assumindo o papel de chefe da família, como também a função de mentora das regras familiares.

Uma vez que as normas são estabelecidas, os pais e mães utilizam métodos, como punição, cobrança e controle, para que estas sejam cumpridas. Silveira *et al.* (2005) afirmam que existem diferenças entre pais e mães no estabelecimento e aplicação de regras claras. Afirmam, ainda, que o acompanhamento das atividades dos adolescentes diminui problemas associados ao uso de drogas, comportamento anti-social e fracasso escolar. Desta maneira, quanto mais cedo os pais investirem na definição e aplicação de normas claras, de preferência de forma afetiva, terão mais sucesso no processo educativo durante a fase da adolescência.

A prescrição e a aplicação de normas familiares representam um desafio, principalmente na fase a adolescência, uma vez que, podem ajudar o adolescente no convívio com outras pessoas e/ou grupos sociais, os quais se tornam mais frequentes durante essa fase. Silveira *et al.* (2005) realizaram uma pesquisa com pais de adolescentes na faixa etária de 15 a 19 anos. Como resultado, obtiveram que as mães são mais eficientes no estabelecimento e aplicação de regras claras. Isto acontece, principalmente, devido ao maior tempo de convivência com os filhos e por estarem mais envolvidas no processo de educação, ou seja, por meio dessas ações as mães estão mais ligadas com o conceito que define a família na nossa sociedade.

Pettitet *al.* (2001) afirmam que o controle parental, no que diz respeito à supervisão, pode contribuir de forma significativa com a socialização dos adolescentes. No entanto, quando são utilizadas estratégias que geram culpa e ansiedade, o controle parental pode afetar negativamente, comprometendo, assim, o desenvolvimento da autonomia.

3 ADOLESCÊNCIA E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Existem várias definições para adolescência, sejam aquelas associadas a fatores biológicos, ou ao papel social. Neste sentido, no campo da Psicologia, a adolescência não pode ser definida apenas como uma faixa etária, porém, entre as organizações que definem a adolescência de forma cronológica, temos: ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), OMS (Organização Mundial da Saúde) e ONU (Organização das Nações Unidas).

A sociedade passa por constantes transformações que também podem afetar o nosso ciclo de vida, o que invalida uma divisão por faixa etária. As mudanças físicas durante este período são visíveis (altura, surgimento de pelos e da voz, etc.). Assim, esta etapa deve considerar fatores psicológicos, que são socialmente construídos, e os de ordem biológica.

As mudanças biológicas, na fase inicial da adolescência, denominam-se puberdade, que é caracterizada, principalmente, por mudanças físicas e o desenvolvimento sexual. Segundo Susman e Rogol (2004), a puberdade representa uma das maiores mudanças, no âmbito biológico, durante nosso ciclo de vida. Ela se inicia com alterações leves nos processos neuroendócrinos, concentrações hormonais e finaliza na maturidade reprodutiva. Por outro lado, a construção social é mais complexa, pois implica ambiguidades na definição, percepções do corpo e expectativas de um comportamento maduro e independente.

Embora não seja uma regra geral, a adolescência é entendida, por diversos autores, como uma fase conturbada, diferente da infância e da vida adulta (HABIGZANG; KOLLER, 2014). No final do século XIX, os adolescentes foram tirados do mercado de trabalho, devido às transformações das estruturas sociais e passaram a frequentar as escolas. Além disso, alguns fatores podem afetar a natureza da adolescência, entre eles: sociedade, cultura, normas, costumes e crenças. Segundo Habigzang e Koller (2014):

A adolescência se caracteriza por ser uma fase evolutiva na qual o indivíduo estabelece sua identidade adulta a partir de internalizações e identificações ocorridas na infância, principalmente na relação com seus pais, mas também levando em conta as influências da sociedade em que vive. A adolescência é, portanto, um período evolutivo humano que deve ser considerado a partir de aspectos biopsicossociais. É uma fase que “obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo e que o levam a abandonar sua auto-imagem infantil e a projetar-se no futuro da sua vida adulta. (HABIGZANG; KOLLER, 2014, p. 26).

Segundo Aguiar, Bock e Ozella (2009), desde uma perspectiva histórica-crítica, a adolescência é vista como um período de latência social, construída a partir da sociedade capitalista por questões de ingresso no mercado de trabalho. Devido o desemprego estrutural desta sociedade, surgiu a necessidade de retardar o ingresso dos jovens no mercado de trabalho, como também a necessidade de um maior preparo técnico para esta inserção.

Desta forma, é importante que os adolescentes sejam contextualizados em um meio familiar com suas respectivas normas, e não de forma isolada (HABIGZANG; KOLLER, 2014). Esta importância tem despertado o interesse das Políticas Públicas e de diferentes redes de apoio para identificar as diferentes necessidades sociais e, por meio destas, melhorar o futuro da sociedade adulta.

Diante do exposto, verificamos que a adolescência não é definida apenas cronologicamente, uma vez que é construída também no contexto social, cultural, econômico e biológico. Esta concepção já tinha sido percebida por Vigotsky (2007), quando afirmava que atividade humana gera uma reação transformadora do homem sobre a natureza, diferentemente do animal, que muda a natureza meramente pela sua presença.

Nesta concepção, o sistema de instrumentos transformadores é criado ao longo do curso da história humana e, dentro deste, temos a linguagem, a escrita, o sistema de números, assim como aqueles que mudam a forma social e o nível de desenvolvimento cultural. Deste modo, o mecanismo de mudança individual, ao longo do desenvolvimento, tem sua raiz na sociedade e na cultura.

Ainda de acordo com Vigotsky (2007), o homem é construído por meio das relações interpessoais, formando, também, a personalidade do adolescente. Antes da concepção deste autor, acreditava-se que a inteligência das crianças e adolescentes era desenvolvida naturalmente, na medida em que cresciam, sem a necessidade da participação da sociedade.

No entanto, a teoria histórico-cultural sugere que a participação da família e dos professores tem papel fundamental na formação do adolescente. Assim, o desenvolvimento humano não é algo natural, pois está associado a experiências vividas, ou seja, está atrelado de forma contínua à nossa evolução vital.

Para falar em desenvolvimento é importante a compreensão dos planos genéticos do desenvolvimento (filogênese, ontogênese, sociogênese e

microgênese), propostos por (VIGOTSKY; LURIA, 1994). O primeiro plano de Vigotsky, que é a filogênese, trata da história da evolução do indivíduo, desde seus primórdios. Em outras palavras, para entender a espécie, precisamos olhar para trás e compreender o processo de adaptação do indivíduo aos diferentes meios em que viveu até chegar aos dias atuais, abordando as predisposições biológicas e as características gerais do comportamento humano. Assim, durante o processo de desenvolvimento ocorreram importantes transformações, como a aquisição de uma postura vertical do corpo, uso exploratório das mãos, desenvolvimento da visão, crescimento do crânio e aumento do encéfalo.

O segundo plano, a ontogênese, aborda a evolução humana desde o nascimento, seguida de transformações até a morte, onde cada estágio apresenta um determinado nível de maturidade. Neste conceito, incluem-se a herança biológica e genética do indivíduo.

Já o terceiro plano, a sociogênese, procura entender as interações sociais e a história cultural e social de onde o indivíduo está inserido. Todos nós, de uma forma individual, temos nossa subjetividade, advinda da cultura e dos nossos antepassados, tendo muito a ver com nosso funcionamento psicológico, influenciando muito em nossa forma de pensar, agir. Também afeta fatores macroscópicos, como a noção de classe social e nível institucional, por exemplo, os valores familiares aos quais fomos submetidos desde quando nascemos.

Por fim, o quarto plano, a microgênese, refere-se ao estudo de eventos particulares psicológicos de curto prazo, por exemplo, como o indivíduo vivencia de forma individual as situações em que é colocado, cruzando fatores biológicos, históricos e culturais (ALVES, 2019).

4 METODOLOGIA

A metodologia pode ser definida como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Desta forma, tem um papel importante nas teorias desenvolvidas e é por meio dela que pode ser vista a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência, devendo dispor de um instrumental claro, coerente, elaborado e capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática (MINAYO, 2001).

4.1 Tipo de Estudo

Este trabalho é uma revisão bibliográfica integrativa a respeito do tema proposto, onde realizamos uma síntese daquilo que já foi produzido sobre a problemática levantada. Por meio do estudo do material, foi possível fundamentar, teoricamente, os objetivos inicialmente levantados durante esta investigação. Além disso, está inserido na abordagem qualitativa, que se enquadra no contexto social, não apenas apresentando valores numéricos (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

Nos últimos anos, o número de artigos científicos, em praticamente todas as áreas, tem crescido de forma exponencial, o que pode dificultar no momento de filtrar o material apropriado. Assim, Souza, Silva e Carvalho (2010) propõem uma sequência para realizar a revisão bibliográfica de forma eficiente: inicialmente, devemos propor uma pergunta norteadora para determinar ou delimitar os temas que serão incluídos; em seguida, devemos realizar uma busca por amostragem nas principais bases de dados das áreas de interesse, neste caso a Psicologia.

A pergunta norteadora é fundamental para o sucesso, não somente desta etapa, mas também das próximas. Além disso, é importante verificar a confiabilidade do material levantado, no caso de revistas científicas, a qualidade do trabalho pode ser avaliada pelo seu fator de impacto, que é uma medida a nível internacional, ou, aqui no Brasil, a classificação *QUALIS* proposta pela CAPES. Por fim, devemos realizar um levantamento de dados, a partir dos resultados, discuti-los, tendo uma prévia interpretação e síntese, devendo propor trabalhos futuros.

4.2 Bases Indexadoras

As bases de dados utilizadas na pesquisa foram a *Virtual Health Library* (BVS Psicologia), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC), *PsycINFO* e *Elsevier*. As palavras-chave, ou descritores, desta pesquisa são: Normas Familiares; Regras Familiares; *Family Rules*. Estes descritores foram cruzados ou combinados com o descritor Adolescência.

4.3 Critérios de inclusão e exclusão

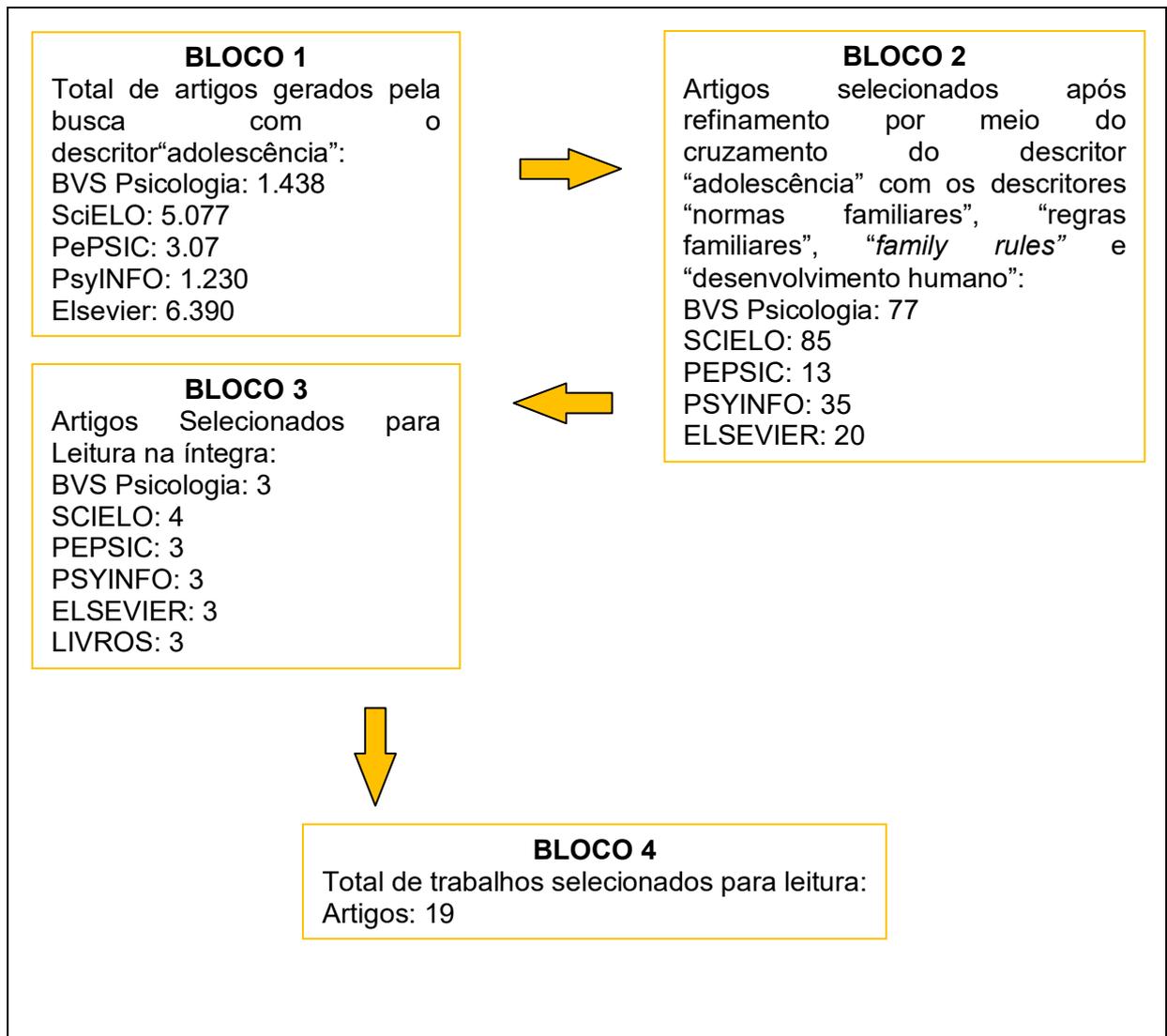
Neste trabalho, foram definidos os seguintes critérios de inclusão: artigos e livros redigidos em língua portuguesa ou inglesa; artigos e livros publicados com temática pertinente aos objetivos propostos nas últimas quatro décadas.

Já como critérios de exclusão, temos: anais de congressos, dissertações; temas distantes dos objetivos propostos; artigos redigidos em outros idiomas, com exceção dos supramencionados.

4.4 Número de artigos da pesquisa

Os resultados da busca de artigos são apresentados na Figura 1. No primeiro bloco, foi realizada a busca com o descritor “adolescência” na BVS Psicologia, SciELO, PePSIC, PsyINFO e Elsevier. No segundo bloco foram selecionados artigos após refinamento por meio do cruzamento do descritor “adolescência” com os descritores “normas familiares”, “regras familiares”, “*family rules*” e “desenvolvimento humano”. Já no terceiro bloco, foram selecionados artigos, para leitura na íntegra, aplicados os critérios de inclusão/exclusão apresentadas acima. Por fim, no bloco 4, apresenta-se o total de artigos e livros usados nesta pesquisa.

Figura1 –Dados da pesquisa bibliográfica



Fonte: Elaborado pela autora.

Uma descrição detalhada dos artigos escolhidos para leitura está presente no Quadro 1, incluindo título, nome dos autores, ano de publicação, revista de publicação e tipos de estudo.

Tabela 1 – Trabalhos destinados à leitura na íntegra

Nº	Título	Autores	Ano de publicação	Revista	Tipo de Estudo
1	Psychosocial disturbances in young people: Challenges for prevention	ALSAKER, F. D.	1995	<i>Michael Rutter</i>	Revisão bibliográfica.
2	Campos de Experiência pela teoria de Vygotsky. Cadernos de Educação	ALVES, V. T.	2019	Cadernos de Educação	Revisão bibliográfica.
3	Adolescent storm and stress, reconsidered	ARNETT, J. J.	1999	<i>Am Psychol.</i>	Revisão bibliográfica.
4	A construção e o reconhecimento das regras familiares: a perspectiva dos adolescentes	BARBOSA, P. V.; WAGNER, A.	2014	<i>Psicol. estud.</i>	Foi realizado um estudo investigativo, por meio de um grupo focal. O instrumento utilizado foi análise de conteúdo.
5	The Protective Role of Parental Monitoring and Family Rules in Sexual Minority Youth Risk Behavior	DITTUS, P. J. <i>et al.</i>	2018	<i>Journal of Adolescent Health</i>	Foi realizado um questionário exploratório.
6	Implicit Family Process Rules and Adolescent Psychological Symptoms	FEINAUER, I. D.; LARSON, J. H.; HARPER, J. M.	2010	<i>The American Journal of Family Therapy.</i>	Estudo por meio de amostragem. Estudo quantitativo.
7	Excess Screen Time in US Children: Association With Family Rules and Alternative Activities	GINGOLD, J. A.; SIMON, A. E.; SCHOENDORF, K. C.	2014	<i>Clinical Pediatrics</i>	Estudo de população. Estudo quantitativo.
8	Teoria e Intervenção Psicológica	HABIGZANG, E. D; KOLLER D. S.	2014	AMGH	
9	Adolescence across place and time: Globalization and the changing pathways to adulthood	LARSON, R., WILSON, S.	2004	<i>John Wiley & Sons Inc</i>	Revisão bibliográfica. Estudo qualitativo.
10	Concepções de	MORAIS, C. A. <i>et</i>	2012	Estud. psicol.	Estudo

	saúde e doença mental na	<i>al.</i>		(Natal).	quantitativo. Instrumento por (Continuação)
	perspectiva de jovens brasileiros				meio de questionários.
11	Adolescência: uma etapa problemática do desenvolvimento humano?	PALACIOS, X.	2019	<i>Rev. Cienc. Salud.</i>	Revisão bibliográfica. Estudo qualitativo.
12	Desenvolvimento humano	PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D.	2006	Artmed	Revisão bibliográfica.
13	"The rules you live by" in making connections: readings in relational communication	SATIR, V.	1996	<i>Roxbury Publishing</i>	Revisão bibliográfica.
14	Communication rules: theory and research	SHIMANOFF, S.	1980	<i>Sage</i>	Revisão bibliográfica.
15	Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: uma comparação entre a percepção de pais e mães de adolescentes.	SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga et al .	2005	<i>Aletheia</i>	Questionário de caráter exploratório. Método amostragem. Estudo quantitativo.
16	Revisão integrativa: o que é e como fazer	SOUZA, M. T. de; SILVA, M.D. da; CARVALHO, R.	2010	<i>Einstein</i>	Estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico
17	O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes	STENGEL, M.	2011	Psicol. rev. (Belo Horizonte).	Pesquisa qualitativa exploratória. Entrevista semi-estruturada.
18	Puberty And Psychological Development	SUSMAN, L. E.; ROGOL, A.	2004	John Wiley & Sons Inc	Revisão Bibliográfica.
19	Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: a percepção dos filhos adolescentes	BENCHAYA, M. <i>et al.</i>	2011	Jornal de Pediatria	Estudo transversal, do tipo caso controle.

Fonte: Elaborado pela autora.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de uma revisão integrativa do material é possível verificar como as normas e regras familiares são inseridas no desenvolvimento do adolescente tanto do ponto de vista da sua prescrição, quanto da sua aplicação que, por sua vez, estão sujeitas a fatores sociais culturais e econômicos.

Uma das etapas mais importantes no desenvolvimento humano é a adolescência, por suas diversas implicações e consequências que podem afetar até a vida adulta. Assim, é pertinente que pesquisas relacionadas a regras familiares sejam realizadas de forma contínua para se adaptar à realidade dos adolescentes que passam por constantes mudanças, sejam elas tecnológicas, biológicas ou sociais.

5.1 Conceito de normas familiares na literatura

Segundo Shimanoff (1980), as normas familiares podem ser definidas como um conjunto de regras discutidas, decididas e acordadas por todos os membros de uma família, que vivem juntos na mesma residência, indicando qual comportamento é obrigatório, permitido e/ou proibido.

Estas normas são dinâmicas e podem ser alteradas ou atualizadas quando acordadas. Os trabalhos listados na Tabela 1 não apresentam uma definição formal para normas familiares, embora a maioria deles discuta a importância destas para uma boa qualidade de vida, criando uma relação familiar justa e harmoniosa e um desenvolvimento saudável dos seus membros.

Pelos trabalhos listados na Tabela 1 sobre normas familiares, é possível evidenciar que existem normas para diferentes contextos, entre elas, regras de comportamento físico (“Sejam gentis uns com os outros”), de segurança (“Use o cinto de segurança no carro”), de rotinas diárias (“Lave a louça depois da refeição” ou “Arrume sua cama antes de tomar café da manhã”) (BARBOSA, 2014). Existem normas em diferentes espaços, como escola, transporte público, esportes, condomínio, etc. Portanto, fazer com que os adolescentes respeitem e sigam as normas familiares pode ajudar para que eles respeitem as regras em outros lugares (FEINAUER, 2010).

Segundo Barbosa e Wagner (2014), Benchaya *et al.*(2011) e Larson (2004), quando as normas são prescritas envolvendo todos os integrantes da família, são vistas como mais justas e têm maior probabilidade de serem seguidas. Quando se trata de segurança, as regras são muito importantes, pois podem inibir comportamentos que levem ao consumo de álcool e outras drogas.

Para Benchaya *et al.* (2011), a partir do conjunto de normas, pode ser definido o estilo parental que pode ser classificado em autoritativo, negligente, indulgente e autoritário. O autoritativo ou participativo tem característica parental mais eficiente, tanto na prescrição, quanto na aplicação, além disso, estão correlacionados elevados níveis de afetividade e controle, a comunicação é sempre positiva e otimista, estes pais se adequam às motivações dos seus filhos fazendo exigências de acordo com os interesses do adolescente; os indulgentes são aqueles muito afetivos, carinhosos, porém pouco exigentes, quanto a normas familiares e padrões de comportamento; já os autoritários, mostram alto nível de exigência, mas são pouco efetivos uma vez que não percebem a necessidade dos filhos e não levam em conta a sua opinião; por fim, o negligente, que apresenta baixos níveis de afeto e controle, sem manifestar interesse nas atividades, companhias e preocupações dos filhos.

5.2 Normas familiares na adolescência

Nem sempre é simples prescrever, aplicar e consolidar normas familiares, pois elas podem variar não somente de acordo com a cultura e sociedade, mas também com fatores, como o gênero do responsável ou do filho adolescente. Segundo Barbosa e Wagner (2014), alguns pais têm dificuldade de exercer sua autoridade e levantam uma das principais causas: o pouco tempo destinado aos seus filhos. Desta forma, estes se sentem menos exigidos para seguir as regras, associando com o conceito de liberdade.

Já com relação aos adolescentes, é importante que existam regras claras, uma vez que ajuda no desenvolvimento da sua autonomia. Também é importante que exista uma flexibilização para mantê-las mais importantes para que, assim, os filhos possam se adequar às exigências e segui-las de forma efetiva.

Silveira (2005) chegou à conclusão que, de maneira geral, a presença da mãe é mais fortemente sentida no que diz respeito ao envolvimento com os filhos,

devido a condutas ligadas ao afeto, cuidado, proximidade e aceitação, sendo seu papel importante para criar e consolidar regras familiares, por estar mais próxima dos filhos. Assim, dentro da nossa sociedade fundamental a família e as normas familiares no desenvolvimento do adolescente e na construção da sua identidade.

Já Pettit *et al.* (2001), mostraram que pode haver diferenças no processo de monitoramento dos adolescentes devido ao seu gênero. No caso das meninas, pode haver um vínculo mais forte no âmbito de monitoramento e aspecto psicológico, quando comparado com os meninos. Os estudos de Pettit *et al.* (2001) relatam também que as práticas de monitoramento das mães sobre os adolescentes são mais proativas, tendo características mais efetivas no contexto familiar.

Segundo Larson (2004), as diferenças de comportamentos entre homens e mulheres são explicadas pelas maiores propensões de desejos de busca de sensações em homens, em relação às mulheres. Ainda de acordo com este autor, provavelmente vem devido a uma base biológica, bem como a fatores culturais e papéis de gênero, com base social que moldam os comportamentos considerados apropriados para homens e mulheres. Assim, afirma-se que o comportamento imprudente de alguns jovens do sexo masculino é reforçado por mitos e formas narrativas que promovem sentimentos de invulnerabilidade e imortalidade (por exemplo, filmes de ação).

5.3 Como as normas familiares são significativas na adolescência

A família tem um papel importante no desenvolvimento do adolescente e, embora nela haja relações afetivas entre seus indivíduos, existem diferentes níveis de hierarquia, independência e a inter-relação que são normatizadas por meio de normas familiares. Logo, é importante que, dentro das famílias, existam regras familiares claras e, o que é mais essencial, que possam ser seguidas pelos adolescentes, seja de forma voluntária, seja com a ajuda dos pais.

Gingold, Simon e Schoendorf (2014), Metzger (2016) e Dittus *et al.* (2018) explicam que os adolescentes costumam ver o mundo de forma diferente dos pais e, com isso, podem gerar atritos na prescrição ou no seguimento das normas familiares. Afirmam ainda que o desenvolvimento do adolescente não seja ditado apenas por meio de regras, mas também por um comportamento norteador que sirva como referência, no caso, dos responsáveis.

Os autores também levantam a questão de que, no geral, há pouco diálogo entre pais e filhos sobre comportamentos associados com o consumo de álcool e outras drogas e que, ainda assim, os adolescentes concordam que os pais regulem comportamentos associados às substâncias ilícitas. Portanto, concluem que comportamentos indesejados surgem, geralmente, quando não são estabelecidas regras, ou não existem regras claras. Desta forma, apontam que um dos papéis da família é identificar fatores de proteção que possam ajudar a reduzir riscos e promover resultados saudáveis para os adolescentes.

Larson (2004) e Barbosa e Wagner (2014) afirmam que normas na adolescência podem evitar comportamentos indesejáveis. Eles definem estes comportamentos como aqueles que se afastam dos padrões familiares ou sociais, que apresentam algum risco para o indivíduo ou para a sociedade. Além disso, têm um potencial para criar dificuldades para o adolescente ou para outros, por exemplo, podemos citar atos ilegais (furtos, agressões, etc.).

Finalmente, o choque geracional entre adolescentes e as suas famílias podem ser os principais causadores de conflitos. As diferenças, tanto de culturas quanto de interesses, podem gerar atritos que muitas vezes os pais não sabem como contorná-los. Assim, é importante que a família entenda as atitudes dos jovens adolescentes, uma vez que esse descumprimento de algumas regras não essenciais, pode significar a busca da sua autonomia que por sua vez possa contribuir com seu crescimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos permitiu atender ao objetivo geral, de discutir as implicações das normas familiares para o desenvolvimento de adolescentes, e aos específicos, de definir o conceito de normas familiares, explorar como as normas familiares se estabelecem na adolescência e identificar como as normas familiares são significativas no processo de desenvolvimento na adolescência.

A maioria dos trabalhos analisados destaca a importância de normas familiares para o desenvolvimento do adolescente e também estudam as consequências da falta delas. Contudo, foi possível verificar que apenas Shimanoff (1980) define, de forma explícita, as normas familiares. Isto mostra que deve haver mais pesquisas atualizadas sobre esta temática, delimitando sua abrangência ou realizando uma classificação das regras para atender algum objetivo específico.

Os adolescentes estão sujeitos a severas mudanças físicas, psicológicas e sociais, por isso, é importante que o ambiente familiar ofereça um acolhimento e suporte frente às emoções vivenciadas. Neste contexto, as normas familiares têm papel fundamental, uma vez que interferem na convivência satisfatória da família e a inter-relação com a sociedade.

A falta de normas, ou a falta da sua aplicação, pode levar a uma maior exposição de riscos, por exemplo, uso de drogas, violência, distúrbio alimentares, hábitos inadequados do sono, etc. É importante que elas se adaptem às características de cada indivíduo e às mudanças da sociedade. Neste sentido, este processo de adaptação pode ser realizado de acordo com o histórico de comportamento do adolescente e a necessidade de buscar o bem-estar da família.

Foi evidenciado que a educação de filhos adolescentes é uma tarefa complexa que requer não apenas boa vontade dos pais, pois existem muitas questões que são incompreendidas. Além disso, o excesso de trabalho dos genitores tem se tornado algo mais frequente, afetando a aplicação das normas familiares e desenvolvimento dos filhos, devido à menor importância que se dá à relação pais e filhos. As regras são essenciais para que o adolescente possa se desenvolver de forma saudável, logo, devem ser bem pensadas e organizadas, para que o adolescente se perceba e tenha contato consigo mesmo e com o meio em que está inserido.

Por fim, algumas das principais dificuldades para realizar esta pesquisa podem ser apresentadas. O processo de revisão bibliográfica permitiu evidenciar que existem poucos artigos relacionados com a pesquisa, embora que, nas últimas décadas, as publicações tenham crescido de forma exponencial, ainda existe um número de trabalhos insuficiente que são destinados a discutir as normas familiares e suas implicações sobre os adolescentes. Por esta falta de estudos, especialmente em língua portuguesa, buscamos complementar com trabalhos em inglês, que não necessariamente refletem a realidade dos adolescentes brasileiros. Assim, como trabalho futuro, sugerimos realizar mais estudos investigativos sobre presença de normas familiares no contexto brasileiro.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, W. M. J.; BOCK, A. M. B.; OZELLA, S. A orientação profissional com adolescentes: um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In:BOCK, A. M. B.;GONÇALVES, M. G. M.;FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia Sócio-Histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 163-178.
- ALSAKER, F. D. Timing of puberty and reactions to pubertal changes. In:RUTTER, M. (Org.).**Psychosocial disturbances in young people: Challenges for prevention**. Cambridge: Michael Rutter, 1995. p. 37-82.
- ALVES, V. T. Campos de Experiência pela teoria de Vygotsky. **Cadernos de Educação**, v. 18, n. 36, p. 73-87, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/cadernosdeeducacao/article/view/9739/6932>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- ARNETT, J. J. Adolescent storm and stress, reconsidered. **Am Psychol.**, v. 54, n. 5, p. 317-326, maio, 1999. Disponível em: http://www.jeffreyarnett.com/articles/ARNETT_storm_and_stress.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BARBOSA, P. V.; WAGNER, A. A construção e o reconhecimento das regras familiares: a perspectiva dos adolescentes. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 235-245, jun. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v19n2/07.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BENCHAYA, M. *et al.* Pais não autoritativos e o impacto no uso de drogas: a percepção dos filhos adolescentes. **Jornal de Pediatria**. v. 87, p. 238-244, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/jped/v87n3/a10v87n03.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.**Diário Oficial da União**. Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm. Acesso em: 20 abr. 2020.
- DITTUS, P. J. *et al.*The Protective Role of Parental Monitoring and Family Rules in Sexual Minority Youth Risk Behavior.**Journal of Adolescent Health**, v. 62, n. 2, fev. 2018. Disponível em: [https://www.jahonline.org/article/S1054-139X\(17\)30595-5/pdf](https://www.jahonline.org/article/S1054-139X(17)30595-5/pdf). Acesso em: 20 abr. 2020.
- EISENSTEIN, E. Adolescência: definições, conceitos e critérios. **Adolescência E Saúde**, v. 2, n. 2, p. 6-7, 2005. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/adolescenciaesaude.com/pdf/v2n2a02.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- FEINAUER, I. D.; LARSON, J. H.; HARPER, J. M. Implicit Family Process Rules and Adolescent Psychological Symptoms.**The American Journal of Family Therapy**, v

38, p. 63-72, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/01926180902961548?src=recsys&journalCode=uافت20>. Acesso em: 20 abr. 2020.

GINGOLD, J. A.; SIMON, A. E.; SCHOENDORF, K. C. Excess Screen Time in US Children: Association With Family Rules and Alternative Activities. **Clinical Pediatrics**, v. 53, n. 1, p. 41-50, 2014. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0009922813498152#>. Acesso em: 20 abr. 2020.

HABIGZANG, E. D.; KOLLER D. S. **Teoria e Intervenção Psicológica**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2014.

LARSON, R.; WILSON, S. Adolescence across place and time: globalization and the changing pathways to adulthood. In: LERNER, R. M.; STEINBERG, L. (Orgs.). **Handbook of adolescent psychology**. Nova Jersey: John Wiley & Sons Inc, 2004. p. 299-361.

METZGER, M. J. *et al.* Transmissão generalizada de linhagens de câncer independentes em várias espécies de bivalves. **Nature**, n. 534, p. 705-709, 2016. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/nature18599>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18.ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, C. A. *et al.* Concepções de saúde e doença mental na perspectiva de jovens brasileiros. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 17, n. 3, p. 369-379, dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/04.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

MOURA, E. A. *et al.* Os planos genéticos do desenvolvimento humano: a contribuição de Vigotski. **Revista Ciências Humanas - UNITAU**, Taubaté, v. 9, n. 1, p. 106-114, jun. 2016. Disponível em: <https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/298/189>. Acesso em: 20 abr. 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Salud mental del adolescente**. 2019. Disponível em: <https://www.who.int/es/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-mental-health>. Acesso em: 20 abr. 2020.

PALACIOS, X. Adolescencia: ¿una etapa problemática del desarrollo humano? **Rev. Cienc. Salud**, Bogotá, v. 17, n. 1, p. 5-8, abr. 2019. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-72732019000100005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 abr. 2020.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PETTIT, G. S. *et al.* Antecedentes e Resultados Problema-Comportamento do Monitoramento Parental e Controle Psicológico no Início da Adolescência. **ChildDevelopment**, v. 72, n. 2, p. 583-598, mar. 2001. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/12003545_Antecedents_and_Behavior-Problem_Outcomes_of_Parental_Monitoring_and_Psychological_Control_in_Early_Adolescence. Acesso em: 20 abr. 2020.

SATIR, V. **“The rules you live by” in making connections: readings in relational communication**. Los Angeles: Roxbury Publishing, 1996.

SHIMANOFF, S. **Communication rules: theory and research**. Beverly Hills: Sage, 1980.

SILVEIRA, L. M. de O. B. *et al.* Estratégias educativas desejáveis e indesejáveis: uma comparação entre a percepção de pais e mães de adolescentes. **Aletheia**, Canoas, n. 21, p. 31-42, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n21/n21a04.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SOUZA, M. T. de; SILVA, M.D. da; CARVALHO, R. de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar.2010. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/eins/v8n1/pt_1679-4508-eins-8-1-0102.pdf. Acesso em: 20 abr. 2020.

STENGEL, M. O exercício da autoridade em famílias com filhos adolescentes. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 502-521, dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v17n3/v17n3a11.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SUSMAN, L. E.; ROGOL, A. Puberty And Psychological Development. In: LERNER, R. M.; STEINBERG, L. (Orgs.). **Handbook of adolescent psychology**. Nova Jersey: John Wiley & Sons Inc, 2004. p. 299-361.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. Tool and symbol in child development. In: VALSINER, J.; VAN DER VEER, R. **The Vygotsky reader**. Oxford: Blackwell, 1994. p. 99-175.